

Os debates sobre Junho de 2013 nos congressos do Partido dos Trabalhadores (PT)¹

Marco Marques Pestana²

Resumo

O presente trabalho enfoca a evolução das posições e discussões acerca de Junho de 2013 nos três últimos congressos do Partido dos Trabalhadores, realizados em 2015 (V Congresso), 2017 (VI Congresso) e 2019 (VII Congresso). A opção por abordar essa temática se justifica pela consideração de que a mesma pode oferecer – em função de sua importância política e simbólica – uma janela para a compreensão dos debates estratégicos mais amplos que atravessaram o PT nesse período. Assim, após uma introdução com uma breve síntese do sentido de 2013 e seu impacto sobre o projeto estratégico até então adotado pelo PT, o texto passará a examinar mais detalhadamente os debates e resoluções de cada um dos congressos. Para tal, serão privilegiadas as teses apresentadas por algumas tendências internas específicas do partido, selecionadas segundo os critérios de peso nas disputas internas do partido e diversidade de perspectivas. A seção conclusiva será dedicada à elaboração de alguns comentários de caráter mais geral, que possibilitem sintetizar uma aproximação inicial ao sentido do deslocamento do debate acerca do tema no interior do partido.

Palavras-chave

Junho de 2013 – Partido dos Trabalhadores (PT) – Congressos – Estratégia

The debates on June 2013 in the Workers' Party's (PT) congresses

Abstract

1 Agradeço a Pollyana Labre e André Augustin por viabilizarem o meu acesso a algumas das fontes primárias discutidas nesse trabalho e pela discussão de algumas das ideias aqui apresentadas. Evidentemente, a responsabilidade por essas é inteiramente minha.

2 Professor do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense (UFF).

This paper analyzes the evolution of the discussion about June 2013 mobilizations' meaning in the latest congresses of the Brazilian Workers' Party (PT), which took place in 2015 (Vth Congress), 2017 (VIth Congress) and 2019 (VIIth Congress). The choice to focus on this particular subject within congressional discussions relies on its role as a potential window – due to its symbolic and political importance – to broader strategic debates that occurred in the party during that period. Therefore, after an introduction that synthesizes the meaning of 2013 and its impact on PT's strategic project, the text exams in more detail the debates and resolutions of each congress. To do so, were chosen the theses elaborated by some of the party's intern tendencies, which were selected according to their internal strength and to the will to present a variety of perspectives. The last section is dedicated to the presentation of some general remarks that allow to produce a first glance at the direction that prevailed in the party concerning this particular debate.

Keywords

June 2013 – Workers' Party (PT) – Congresses – Strategy

Introdução: o balanço de Junho de 2013 e o PT

A eclosão das Jornadas de Junho em 2013 trouxe à superfície das disputas políticas as contradições que se avolumavam nas profundezas da vida social sob o primeiro ciclo de governos federais capitaneados pelo Partido dos Trabalhadores (PT), que se estendeu de 2003 a 2016, com mandatos de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff³. Com efeito, após pouco mais de uma década de aposta petista em uma estratégia de conciliação de classes fundada no gradualismo reformista e na internalização dos conflitos sociais pelo aparato estatal, a política tornou a irromper nas ruas em escala massiva. Tratava-se do primeiro grande ciclo de mobilizações no país não diretamente liderado pelo PT desde a fundação do partido, em 1980.

3 Um panorama variado e robusto dessas contradições pode ser conferido em **SINGER, André; LOUREIRO, Isabel (orgs.)**. *As contradições do lulismo: a que ponto chegamos?* São Paulo: Boitempo, 2016.

As manifestações iniciadas naquele mês levaram às ruas multidões compostas, majoritariamente, por jovens estudantes e trabalhadores, especialmente, seus setores mais precarizados. Inicialmente, as ruas apresentaram reivindicações que se chocavam com os limites do projeto petista por um viés eminentemente progressista: redução dos preços das tarifas dos modais de transporte urbano, ampliação dos investimentos em serviços públicos, criação de mecanismos de democracia direta, questionamento à mídia empresarial e críticas à violência policial. Na esteira das manifestações, os anos de 2013-2016 assistiram, ainda, à intensificação da atividade grevista com o número anual de greves girando em torno de 2000, de forma a acelerar o crescimento anual que se verificava desde 2008, atingindo quase 900 greves em 2012⁴. Ao longo desse período, outros movimentos sociais, como o estudantil e o feminista, também experimentaram uma trajetória ascendente, com crescente capacidade de mobilização e de intervenção nos rumos políticos do país, conforme evidenciado pela Primavera Feminista e pelas ocupações de escolas e universidades em 2015-6⁵.

Na medida em que forneceram um primeiro indício significativo de que o PT não seria mais capaz de sustentar a dinâmica de apassivamento das classes subalternas, Junho de 2013 forneceu, também, a senha para que setores da burguesia – pressionados pelo crescente impacto da crise capitalista internacional detonada em 2007-8 sobre o país – rompessem com o governo liderado pelo partido e passassem a disputar o sentido da presença massiva nas ruas, a partir de pautas centradas no combate à corrupção. Com a derrota eleitoral de Aécio Neves (PSDB), representante mais orgânico de amplas frações burguesas, em 2014, tais frações aderiram a uma estratégia abertamente golpista, que se valeu de mobilizações de rua – orientadas por pautas distintas das presentes na origem das manifestações de 2013, dirigidas por outros agentes políticos e com uma base social diferente – para respaldar politicamente o impeachment de Dilma Rousseff em agosto de 2016.

O triunfo do golpe, por sua vez, abriu caminho para a ascensão da extrema-direita, culminando com a prisão de Lula – por ação da fraudulenta Operação Lava-Jato – e a eleição de Bolsonaro à presidência em 2018. O período compreendido entre o

4 DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTUDOS E ESTATÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS (DIEESE). *Balanço das greves de 2018*. In: Estudos e pesquisas. Nº 89, abril de 2019. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/balancodasgreves/2018/estPesq89balancoGreves2018.html>. Acesso em 02/03/2023.

5 Para uma ótima síntese do sentido geral de Junho de 2013, cf. **BRAGA, Ruy**. *A rebeldia do precariado: trabalho e neoliberalismo no Sul global*. São Paulo: Boitempo, 2017. pp.221-244.

impeachment de Rousseff e a soltura de Lula, em novembro de 2019, correspondeu à fase mais difícil da história do PT, cujo encerramento mais efetivo só se verificaria com a vitória eleitoral de 2022. Ao longo de todo esse período defensivo, o partido se viu às voltas com a necessidade de avaliar sua trajetória anterior e sua orientação estratégica. Nesse processo, o tema de Junho de 2013 adquiriu certa relevância na medida em que sinalizava o momento em que emergiram as primeiras evidências de que o caminho até então trilhado desenvolvia contradições de grande monta.

Ao longo do período 2013-2022, nos pronunciamentos públicos de dirigentes petistas e destacados intelectuais ligados ao partido sobre Junho, a despeito de certas discordâncias, predominou amplamente uma tendência de crescente redução das complexidades daquele processo histórico. Assim, de reações iniciais que enxergavam contradições, envolvendo riscos e oportunidades, passou-se à afirmação da predominância quase absoluta do sentido conservador em Junho até que se chegasse à tese da manipulação e da conspiração reacionárias como fontes únicas da dinâmica daquelas jornadas. Tratou-se, em suma, da afirmação de uma concepção simplista do desenrolar histórico, em que se busca identificar sentidos únicos e lineares⁶. Projetada no espaço público, essa lógica funcionou, especialmente a partir de 2016, como um dos suportes para o coescionamento da maior parcela das bases sociais do amplo campo da esquerda em torno do próprio PT, na medida em que anatematizava qualquer exame crítico da estratégia petista, bem como das contradições internas ao modelo de desenvolvimento econômico posto em marcha pelo partido.

Simultaneamente, entretanto, o PT atravessava um período de profundos debates internos, cuja principal expressão foi a inédita frequência com que foram convocados congressos do partido, que constituem uma das mais abrangentes instâncias de participação previstas em seus estatutos⁷. Com efeito, após sua fundação, o partido demorou 11 anos para realizar seu primeiro congresso, ocorrido em 1991. Como o quarto congresso foi realizado em 2011, temos que o intervalo médio de tempo entre cada congresso no pré-2013 foi de quase sete anos. Após as Jornadas de Junho, por

6 Cf. **PESTANA, Marco Marques**. *“Junho pra toda obra: evolução da conjuntura e leituras petistas de junho de 2013”*. In: FREITAS, Caroline; BARROS, Douglas; DEMIER, Felipe (orgs.). *Junho e os dez anos que abalaram o Brasil (2013-2023)*. São Paulo: Usina, 2023.

7 É importante ressaltar que o chamado PED (Processo de Eleição Direta), que elege a direção do partido, não ocorre de maneira necessariamente vinculada da realização dos congressos, podendo envolver a participação de números mais amplos de filiados. Entretanto, por sua própria natureza, o PED também tende a implicar um grau de envolvimento menos orgânico que os congressos.

outro lado, foram convocados outros três conclaves durante o quinquênio 2015-2019, reduzindo o intervalo médio para dois anos.

Em se tratando do período mais recente da trajetória do partido, não estão ainda disponíveis estudos de maior profundidade acerca dos debates ocorridos e das posições afirmadas nesses três congressos. Nesse quadro, o presente trabalho pretende oferecer uma contribuição inicial a esse debate, enfocando a evolução das posições e discussões acerca de Junho de 2013 nos três últimos congressos do Partido dos Trabalhadores. A opção por privilegiar esse aspecto específico se justifica pela consideração de que o mesmo pode oferecer – em função de sua importância política e simbólica – uma janela para a compreensão dos debates estratégicos mais amplos que atravessaram o PT nesse período. Assim, os três tópicos subsequentes do texto serão devotados a oferecer panoramas das discussões sobre Junho de 2013 em cada um dos congressos, ao passo que a última seção será dedicada à elaboração de alguns comentários de caráter mais geral, que possibilitem sintetizar uma aproximação inicial ao sentido do deslocamento do debate acerca do tema no interior do partido.

O V Congresso (2015): primeiras aproximações e um silêncio gritante

Realizado em Salvador (BA), entre 11 e 13 de junho de 2015, o V Congresso do PT ocorreu em um período de crescente tensionamento político no país. Por um lado, variadas forças do campo da direita, com apoio orgânico de amplas frações da burguesia e rompendo com um padrão de atuação desmobilizar vigente desde, pelo menos, o golpe de 1964, tomavam as ruas buscando inviabilizar o governo de Dilma Rousseff. Iniciava-se, então, um ciclo de protestos qualitativamente distinto daquele cujo epicentro se localizou em Junho de 2013. Por outro lado, o próprio governo apostava em uma linha de aprofundamento dos compromissos com a burguesia, expressa pela indicação de Joaquim Levy para o Ministério da Fazenda. Dessa maneira, reduzia suas margens de manobra para o atendimento das reivindicações de sua base social mais fiel – cuja mobilização desempenhara papel decisivo na apertada vitória eleitoral de 2014 –, ao mesmo tempo em que consumava a clara priorização de um dos cinco pactos que a

própria Dilma propusera em respostas aos atos de Junho, aquele que girava em torno da chamada “responsabilidade fiscal”⁸.

Das sete teses apresentadas ao Congresso, seis mencionam de alguma forma as Jornadas de Junho⁹. A única exceção foi a tese intitulada “O 5º Congresso do PT: Manifesto”. Assinada pela chapa “O Partido que Muda o Brasil”, essa tese expressava a posição da direção majoritária do partido, organizada no campo Construindo um Novo Brasil (CNB), cuja principal força é a histórica tendência Articulação¹⁰.

Embora o texto incie reconhecendo a necessidade de o PT, frente a conjuntura crítica, elaborar uma autocrítica em relação à sua trajetória partidária e como esteio do governo federal, na prática, o que predomina são os elementos de defesa da estratégia adotada pelos governos encabeçados pelo partido, aí incluído o forte ajuste fiscal aplicado desde o início do segundo mandato de Dilma. Nesse cenário, a autocrítica se concentra em três elementos: um afastamento em relação aos movimentos sociais, a ausência de uma reforma política e do Estado – que garantisse a efetivação de um republicanismo real – e a perda da disputa no campo comunicacional, hegemônico pelos grandes conglomerados de imprensa que passaram a liderar a oposição ao partido. Quanto a isso, o texto conclui que “partido e Governo, de uma maneira geral, não foram capazes de **elaborar uma narrativa da experiência** em curso”¹¹ (negrito do texto). Em geral, portanto, seguia sendo afirmada a possibilidade de efetivação pela via institucional – desde que fosse garantido o caráter republicano do Estado (capitalista) e fosse desenvolvida uma “narrativa” mais congruente – da “Grande Transformação” já posta em marcha pelo PT, para a qual o próprio texto reconhece que o partido não havia desenvolvido um conceito adequado¹² (o que, implicitamente, significa o reconhecimento de sua distância em relação a qualquer noção de transição e/ou horizonte socialista).

Nas demais teses discutidas no V Congresso há um estreito vínculo entre os diagnósticos elaborados sobre Junho de 2013 e as orientações políticas sustentadas, cabendo discutir brevemente alguns exemplos escolhidos a partir dos critérios de peso

8 Os demais quatro pactos centravam-se nos temas da reforma política, da saúde, dos transportes e da educação.

9 **PARTIDO DOS TRABALHADORES**. *5º Congresso Nacional: Caderno de Teses*. Salvador: PT, 2015.

10 Para uma útil síntese da história das tendências do PT até 2010, ver **SECCO, Lincoln**. *História do PT*. 2ª edição revista. Cotia: Atêlie Editorial, 2011.

11 **IDEM**. *Ibidem*. p.116.

12 **IDEM**. *Ibidem*. pp.113; 120.

nas disputas internas do partido e diversidade de perspectivas. A tese “Um partido para tempos de guerra” foi apresentada pela corrente Articulação de Esquerda (AE), que surgiu de uma ruptura com a Articulação em 1993 e historicamente tem se posicionado em defesa de uma recuperação de aspectos de radicalidade presentes na origem do PT¹³.

Em seu texto, a AE argumenta que em 2005, face ao chamado “escândalo do Mensalão”, já havia claros sinais da necessidade de reorientação estratégia do partido e do governo, abandonando a via “melhorista” fundada na “conciliação de classes com nossos inimigos” em favor da proposição de “reformas estruturais” e da recolocação do “socialismo como objetivo estratégico”¹⁴. Nessa leitura, Junho emerge como uma consequência da manutenção da estratégia anterior, constituindo um “efeito colateral”. Embora o caráter mais efetivo dos eventos de Junho não seja discutido no texto, há indicações de aspectos positivos sob a ótica de seus autores, uma vez que as Jornadas são relacionadas ao início da defesa da reforma política, que constitui o centro de suas proposições conjunturais, desde que dotada de um alto grau de radicalidade¹⁵.

Já a tese “Resgatar o petismo no PT! Em defesa dos trabalhadores e da nação. Não vamos sair das ruas!” foi assinada pelo campo Diálogo e Ação Petista (DAP), que tem em seu interior a corrente O Trabalho, de orientação trotskista e vinculada à IV Internacional¹⁶. Contrapondo-se fortemente ao ajuste fiscal então implementado pelo governo Dilma, a tese também se posiciona claramente em favor da alteração da orientação política do partido. Na leitura de seus autores, junho-julho de 2013 seria o momento em que “apareceu o fosso que existe entre a representação e os representados”, expressando a crise de legitimidade das instituições do regime político nacional. Diante desse cenário, a saída advogada é a realização de uma “Constituinte Soberana e Exclusiva”, a qual seria respaldada por um Plebiscito Popular já realizado, que por sua vez, deveria impulsionar a luta por um Plebiscito Oficial¹⁷.

13 Sobre a trajetória da corrente, ver **ARTICULAÇÃO DE ESQUERDA**. *Quem somos*. Disponível em: <https://pagina13.org.br/quem-somos/>. Acesso em 18/05/2023.

14 **PARTIDO DOS TRABALHADORES**. *5º Congresso Nacional... Op Cit.* pp.4; 11; 15.

15 **IDEM**. *Ibidem*. pp.16; 26. Cabe destacar, para além disso, que embora o texto faça menção ao conceito de “revoluções coloridas”, que seria instrumentalizado por alguns intelectuais ligados ao petismo para atribuir um sentido majoritariamente conservador aos eventos de Junho, o mesmo parece se referir à conjuntura aberta após a eleição de 2014. Sobre o impacto desse conceito nas elaborações sobre 2013, cf. **PESTANA, Marco Marques**. “Junho pra toda obra... Op. Cit.”.

16 **O TRABALHO**. *Quem somos*. Disponível em: <https://otrabalho.org.br/quem-somos/>. Acesso em 18/05/2023.

17 **PARTIDO DOS TRABALHADORES**. *5º Congresso Nacional... Op Cit.* p.43.

Por fim, a tese “Mudar mais: por um novo ciclo de mudanças democráticas no país” foi assinada pelo campo Mensagem ao Partido, que tem como principal força a corrente interna Democracia Socialista, também de origem trotskista, mas rompida com a IV Internacional desde 2005¹⁸. Embora reivindicando uma perspectiva socialista, em termos concretos as posições da tese giram em torno da perspectiva de democratização da esfera pública e da ampliação do acesso a direitos. Diferentemente das duas teses anteriormente mencionadas, que atribuem um caráter mais geral à análise de Junho de 2013, o texto da Mensagem enfatiza quase exclusivamente a participação da juventude nesse processo, a qual teria adquirido “maior consciência do papel transformador da sua ação política, [tornando-se] mais crítica ao atual padrão de institucionalização da democracia brasileira”. Em decorrência, enfatiza-se a necessidade de o partido entrar em sintonia com as demandas desse setor pelo desenvolvimento de formas efetivas de atuação política e econômica em escala “micro urbana”¹⁹.

Tomando em conjunto as três teses mencionadas que analisam Junho de 2013, é possível afirmar que o sentido político do processo era visto de forma predominantemente positiva, cabendo ao partido tomar iniciativas que o conectassem às dinâmicas postas em movimento a partir daquele processo. Apesar disso, as resoluções aprovadas ao final do V Congresso encontravam-se muito mais alinhadas às posições presentes na tese do campo CNB. Com efeito, a Carta de Salvador, que sintetiza as posições políticas aprovadas no conclave sequer menciona Junho, que só aparece no texto da resolução voltada para o tema da comunicação, sendo mencionado como índice da “negligência” em relação ao tema por parte do partido²⁰.

O VI Congresso (2017): emergência de um claro embate

Nos 1, 2 e 3 de junho de 2017, em Brasília, teve lugar o VI Congresso do PT. Foi o primeiro conclave realizado pelo partido após a consumação do golpe de 2016 com o impeachment de Dilma Rousseff, o qual colocou o partido na oposição federal pela primeira vez desde 2002. Adicionalmente, as eleições municipais de 2016 foram

18 **DEMOCRACIA SOCIALISTA.** *Quem somos.* Disponível em: <https://democraciasocialista.org.br/quem-somos/>. Acesso em 18/05/2023.

19 **PARTIDO DOS TRABALHADORES.** *5º Congresso Nacional... Op Cit.* pp.75-76.

20 **PARTIDO DOS TRABALHADORES.** *Carta de Salvador e Resoluções do 5º Congresso.* Salvador: PT, 2015. p.38.

marcadas por uma queda acentuada do número de prefeitos e vereadores petistas. As reflexões conduzidas objetivavam tanto produzir uma compreensão geral do processo que conduzira a esse revés, quanto delinear uma linha de atuação que pudesse superá-lo. Da leitura do conjunto das teses, sobressai um certo otimismo em relação às possibilidades de retomada da força da mobilização popular em resistência às medidas do governo golpista de Michel Temer e às chances de vitória eleitoral em 2018 por meio de uma eventual nova candidatura de Lula. Em termos das disputas políticas internas ao partido, o fato mais relevante entre o V e o VI congressos foi o surgimento do campo Muda PT, em 2016. Composto pelo campo Mensagem ao Partido, pelas tendências Articulação de Esquerda, Resistência Socialista, Avante S21, Reencantar e Militância Socialista, além de figuras de projeção não vinculadas a nenhuma tendência específica, o Muda PT buscava se apresentar como uma alternativa à direção partidária liderada pela CNB.

Considerando a delicadeza do momento vivenciado e a necessidade de evitar a instalação de disputas fratricidas que pudessem resultar em maior enfraquecimento, as discussões congressuais foram precedidas da publicação, em janeiro de 2017, de um “caderno de contribuições”, cujos “artigos, apesar de assinados individualmente, foram debatidos na Comissão Nacional de Teses, formada por decisão do Diretório Nacional e constituída por representantes de todas as tendências partidárias”²¹. Nesse caderno, Junho só é referido no texto “Sobre a situação nacional”, de Selma Rocha e Artur Henrique, representantes da CNB. De acordo com a leitura desses autores,

“As **condições para a sustentação social do golpe** estabeleceram-se a partir de 2013. **As manifestações** iniciadas em São Paulo contra o aumento da passagem de ônibus, contra a violenta repressão desencadeada pelo governo Alckmin, a decorrente ampliação da pauta por mais direitos e a solidariedade aos manifestantes contra a repressão **foram galvanizadas pela mídia e, progressivamente, pela extrema direita**. Vale também ressaltar a campanha deflagrada e regamente financiada por setores conservadores do ministério público contra a PEC 37 que **manipulou e potencializou as manifestações** deflagradas pelo Movimento Passe Livre. O conteúdo e o espaço das manifestações foram disputados permitindo que despontassem mobilizações incentivadas por antigas organizações de extrema direita e por novos grupos surgidos e organizados no espaço virtual da internet. As manifestações agregaram diferentes conteúdos anticorrupção, antipartidos, contra direitos sociais e humanos, mas, **principalmente, contra ações e políticas identificadas com a esquerda**”²² (negritos meus).

21 **PARTIDO DOS TRABALHADORES**. *Contribuições para o 6º Congresso Nacional*. Brasília: PT, 2017. p.64.

Dessa forma, ao romper com o silêncio sobre o tema que caracterizara sua produção no V Congresso, o texto da CNB estabelece uma relação de conexão direta entre as manifestações de 2013 e o processo golpista de 2015/6. Embora reconheça a existência de uma disputa política em Junho, o texto silencia sobre seus desdobramentos progressistas, indicando uma absoluta prevalência dos aspectos conservadores. Essa posição no debate interno ao partido ecoava elaborações no debate público de intelectuais próximos ao PT que, especialmente a partir de 2016, passaram a propagar a tese da continuidade 2013-2015/6, a qual ganhou maior divulgação a partir da obra de Jessé Souza, que popularizou a imagem do “ovo da serpente”²³.

Dentre as dez teses apresentadas ao congresso, cinco não mencionaram o tema de Junho. Dentre elas, figurou a tese intitulada “A esperança é vermelha. Brasil Urgente, Lula presidente!!!”²⁴, elaborada pela AE, que havia desenvolvido uma análise sobre 2013 em seu texto ao V Congresso. Em termos de orientação política, as linhas mais fundamentais daquele documento foram mantidas na nova tese, enfatizando a necessidade da implementação de reformas estruturais e da afirmação do horizonte socialista.

As disputas políticas que atravessaram Junho foram retomadas pela tese do campo Mensagem, intitulada “Por um partido socialista e democrático! Por um governo democrático-popular!”. Embora o texto reconheça a existência de uma ofensiva de longo fôlego das classes dominantes ao projeto petista, sua origem é situada em 2012, antes da eclosão das Jornadas de Junho. Essas, por sua vez, longe de terem sido mera expressão dessa ofensiva, conteriam, também, uma significativa “vertente progressista”, que estaria relacionada às mobilizações no segundo turno das eleições de 2014 e no enfrentamento ao golpe ao longo de 2015 e 2016²⁵. Ainda reconhecendo a juventude

22 **IDEM**. *Ibidem*. p.21. Esse trecho seria, posteriormente, reproduzido na tese apresentada pela CNB ao VI Congresso. Cf. **CNB/PMB**. *Em defesa do Brasil, em defesa do PT, em defesa de Lula*. p.14. Disponível em: https://www.pt.org.br/wp-content/uploads/2017/04/tese-cnb_31_03_17_final.pdf. Acesso em 18/05/2023.

23 **SOUZA, Jessé**. *A radiografia do golpe: entenda como e por que você foi enganado*. Rio de Janeiro: LeYa, 2016. Cabe notar que Souza foi presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) entre abril de 2015 e maio de 2016. Para um comentário sobre a sua obra, ver **PESTANA, Marco Marques**. “Junho pra toda obra... *Op. Cit.*”.

24 **ARTICULAÇÃO DE ESQUERDA**. *A esperança é vermelha. Brasil Urgente, Lula presidente!!!* Disponível em: <https://www.pt.org.br/wp-content/uploads/2017/04/a-esperanca-e-vermelha-brasil-urgente-lula-presidente-doc.pdf>. Acesso em 18/05/2023.

25 **MENSAGEM AO PARTIDO**. *Por um partido socialista e democrático! Por um governo democrático-popular!* p.10. Disponível em: https://www.pt.org.br/wp-content/uploads/2017/04/tese-mensagem-ao-partido_com-assinaturas-ultima-versao-docx-3.pdf. Acesso em 18/05/2023.

como um dos atores mais relevantes desse processo de movimentações progressistas, há um significativo deslocamento na elaboração da Mensagem acerca de Junho, que passa a ser inserido na dinâmica geral dos conflitos sociais brasileiros, não estando referido unicamente a um setor social determinado, como na tese ao V Congresso. Cabe notar que, em paralelo a essa modificação, a tese de 2017 também apresenta um conteúdo mais crítico à estratégia partidária (e, portanto, à direção da CNB) do que o texto de 2015.

Um contraponto ainda mais profundo e direto às leituras reducionistas de Junho pode ser encontrado na tese elaborada por O Trabalho/DAP, intitulada “Unidade pela reconstrução do PT”. Para os autores do texto, negando peremptoriamente qualquer leitura pautada na noção de “conspiração”, 2013 teria oferecido a possibilidade de uma saída para os impasses estratégicos decorrentes da opção pela governabilidade em aliança com setores conservadores e pela via exclusivamente institucional de ação. Entretanto, as hesitações do governo teriam transformado um possível “novo começo” no “começo do fim”, que seria sacramentado pela adoção do ajuste fiscal no início do segundo mandato de Dilma Rousseff²⁶. Como resposta, esse campo recupera a defesa de uma Constituinte Soberana, já presente em seu texto ao congresso anterior, mas deixa de vinculá-la exclusivamente ao tema da reforma política, advogando que a mesma também tratasse da reversão das medidas oriundas do golpe e da implementação de “reformas populares”²⁷.

O VI Congresso, portanto, constitui um momento de evidenciação do profundo grau de diferenças existentes entre as interpretações acerca de 2013, especialmente quando contrastado com o V Congresso, em que as divergências sobre o tema tinham um caráter mais de ênfase do que de sentido político geral. Nas resoluções do conclave de Brasília, tal como em Salvador, prevaleceu a perspectiva da CNB. Com efeito, Junho só é mencionado na “Resolução sobre estratégia e Programa”, a qual o toma como marco da aceleração da “contraofensiva” da burguesia, que teria o “golpe de Estado perpetrado em 2016” como sua “expressão política”²⁸.

26 **DIÁLOGO E AÇÃO PETISTA.** *Unidade pela reconstrução do PT.* p.3. Disponível em: <https://www.pt.org.br/wp-content/uploads/2017/04/unidade-pela-reconstrucao-do-pt-doc.pdf>. Acesso em 18/05/2023.

27 **IDEM.** *Ibidem.* p.5.

28 **PARTIDO DOS TRABALHADORES.** *6º Congresso Nacional: Caderno de resoluções.* Brasília/São Paulo: PT, 2017. p.33.

O VII Congresso (2019): divergências latentes e silêncio quase absoluto

O mais recente congresso do Partido dos Trabalhadores teve lugar em São Paulo, durante os dias 22, 23 e 24 de novembro de 2019. O início oficial dos trabalhos do VII Congresso, em 19 de julho de 2019, coincidiu com um momento particularmente duro para o PT. Com a prisão de sua principal figura, Lula, em abril de 2018, o partido foi derrotado nas eleições presidenciais de 2018 pelo neofascista Jair Bolsonaro, que concorreu com uma plataforma que apontava a intenção de inviabilizar a presença (política e física) da esquerda e seus militantes, tendo o próprio PT como alvo mais evidente. Entretanto, uma perspectiva de reversão desse quadro dramático emergiu com a soltura de Lula em 8 de novembro de 2019, em função da decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) quanto à ilegalidade da prisão após condenação em segunda instância. Com esse giro conjuntural, foi possível recolocar a enorme influência política de Lula diretamente nas disputas em curso e ficou caracterizada a existência de fissuras mais significativas na alta burocracia estatal que, até aquele ponto, encampava quase unanimemente o projeto golpista deslanchado em 2015-6.

Diferentemente dos dois congressos anteriores, no conclave de 2019 o tema de Junho praticamente não foi mencionado. Das nove teses apresentadas, apenas uma se posicionou de forma clara quanto ao significado de 2013. Trata-se do documento intitulado “Repensar o PT, para enfrentar o retrocesso, defender a democracia e os direitos do povo”, que não foi produzido por nenhuma corrente estável do partido, mas por um grupo de militantes independentes. Dentre os signatários, o mais conhecido era, sem dúvida, Ricardo Berzoini, que presidiu o partido em 2005-6 e 2007-10, quando compunha a CNB e seu antecessor, o Campo Majoritário. Para os autores do texto, o processo eleitoral de 2018 teria sido “extremamente radicalizado, por conta do cerco vivido desde 2013 que resultou no golpe parlamentar/midiático/judicial de 2016”²⁹. Dessa forma, a vinculação direta estabelecida entre 2013 e 2015/6 pela tese da CNB ao VI Congresso foi prolongada de forma a incluir, também, a vitória eleitoral do bolsonarismo em 2018 com ampla cobertura das principais instituições do regime político do país.

²⁹ **PARTIDO DOS TRABALHADORES**. 7º Congresso Nacional – *Lula Livre: Caderno de teses*. São Paulo: PT, 2019. p.44.

Sem mencionar diretamente Junho de 2013, a tese da Mensagem ao Partido, intitulada “#Lula Livre! Fora Bolsonaro! Governo democrático e popular!” oferece um discreto contraponto a essa leitura, na medida em que associa a “primeira etapa do golpe” diretamente ao *impeachment* de Dilma Rousseff³⁰. Não há, entretanto, um aprofundamento da análise desse processo e, ao se debruçar sobre as mobilizações populares, a tese assinala uma ausência de “descontinuidade”, o que poderia remeter à noção de desdobramentos da “vertente progressista” de 2013 que comparecia no texto apresentado por esse campo ao congresso anterior. O ponto de referência desse contínuo, entretanto, não é apresentado e as mobilizações efetivamente mencionadas são as que se iniciaram em torno da campanha de Lula e, posteriormente Haddad³¹.

No que se refere às demais teses, a discussão se concentra fundamentalmente na análise do caráter do governo Bolsonaro e da correlação de forças imediatamente vigente, de forma a lastrear as tomadas de posições quanto à tática mais imediata³². Com isso, as elaborações sobre o processo político brasileiro em uma temporalidade média tenderam a ser quase inteiramente suprimidas, havendo, no geral, apenas breves menções de caráter bastante telegráfico.

Outro fator significativo que dificulta a aferição da força das posições existentes no interior do partido sobre Junho de 2013 é o fato de que não consegui acessar as resoluções do VII Congresso. Com efeito, tais documentos não estão disponíveis nos endereços virtuais do partido e de sua fundação, a Perseu Abramo, e não foi possível obtê-los por meio de alguns contatos informais com dirigentes e militantes de base do próprio PT. Em relação aos resultados do congresso, os únicos dados disponíveis dizem respeito à composição de suas instâncias diretivas. Nessa seara, em âmbito nacional, a CNB manteve sua posição majoritária, ocupando 42 dos 90 assentos no Diretório Nacional³³. Considerando que essa composição expressa uma maioria quase absoluta, o

30 **IDEM.** *Ibidem.* p.9.

31 **IDEM.** *Ibidem.* p.10.

32 Vale notar que, possivelmente por determinação da comissão organizadora, as teses apresentadas ao VII Congresso são, em média, menos extensas do que as discutidas no V e no VI congressos. Assim, de uma média de 23 páginas por tese em 2015, passou-se para 35 páginas por tese em 2017, havendo uma redução para 9 páginas por tese em 2019.

33 Sobre a composição do DN a partir do VII Congresso, ver **DEMOCRACIA SOCIALISTA.** *Elementos para um balanço do 7º Congresso do PT.* Disponível em: <https://democraciasocialista.org.br/elementos-para-um-balanco-do-7o-congresso-do-pt-gtn/>. Acesso em 18/05/2023.

mais provável é que as posições desse campo tenham igualmente se imposto na composição das resoluções.

Considerações finais: um debate ainda em curso

A despeito de eventuais e significativos silêncios por parte de variadas forças, a análise das teses apresentadas aos três congressos indica claramente a existência de divergências em torno da interpretação do significado histórico e político das mobilizações de junho de 2013. Nesse processo, as posições das correntes e campos políticos selecionados longe de permanecerem estáticas, passaram por importantes transformações. Sem dúvida, na medida em que o presente vivido sempre influencia a compreensão do passado, tais transformações guardam importante relação com as conjunturas vigentes no momento de redação de cada texto específico e, portanto, com os embates políticos então em curso. Infelizmente, a escassez de informações acerca do VII Congresso – em função das dimensões reduzida das teses, das poucas menções a 2013 e da indisponibilidade das resoluções – impede que seja formada um quadro mais completo dessa evolução e de seu último momento.

A despeito dessas limitações, justificáveis em um trabalho de primeira aproximação ao objeto, é possível estabelecer uma relação entre as leituras sobre junho e os posicionamentos acerca da estratégia petista. Assim, aqueles agrupamentos mais comprometidos com a manutenção da estratégia gradualista e institucionalista (com notório destaque para a CNB), após uma tentativa inicial de silenciamento sobre o tema, foram também os que mais se empenharam em construir uma conexão unidimensional entre 2013 e 2015/6 e, mesmo, as eleições de 2018. Apagando toda complexidade inerente aos processos históricos e, especialmente, aos momentos de irrupção de grandes massas na cena política, o campo majoritário do partido buscava se blindar de quaisquer questionamentos mais incisivos, legitimando a perpetuação da referida estratégia.

Por outro lado, as tendências e campos defensores de mudanças e reorientações mais profundas no caminho estratégico do PT tenderam a conferir maior atenção a Junho de 2013 e a enfatizar sua dinâmica múltipla e a presença de marcantes elementos progressistas, cuja força não se resumiu aquele momento específico. Nesse sentido, cabe

destacar as trajetórias inversas da AE e da Mensagem ao Partido, com a primeira reduzindo progressivamente a atenção dispensada a Junho e a segunda ampliando e complexificando seu olhar acerca desse processo. Já O Trabalho/DAP, em seu texto de 2017, foi a única tendência/campo a fazer referência mais direta à existência de disputas em torno da interpretação de 2013.

Considerando-se a contínua capacidade da CNB de produzir maiorias congressuais, nas resoluções e documentos produzidos para circulação externa ao partido, predominou a posição desse campo, com referências bastante limitadas e desqualificadoras de Junho. Em sintonia com a evolução dos posicionamentos das mais destacadas figuras públicas ligadas ao partido, essa compreensão ganhou ampla difusão em meio às bases sociais e políticas petistas, as quais seguem, igualmente, referendando em sua maioria a estratégia gradualista e institucionalista proposta pela própria CNB. Entretanto, na medida em que as contradições inerentes ao desenvolvimento capitalista dependente tendem a seguir se manifestando de forma particularmente agudizada no contexto de crise da acumulação, é pouco provável que o debate estratégico tenha sua importância reduzida no próximo período. Nas discussões que seguem, portanto, as energias mobilizadoras e radicais presentes em Junho poderão constituir um farol a iluminar, do passado, os caminhos a serem trilhados no futuro.

Bibliografia

BRAGA, Ruy. *A rebeldia do precariado: trabalho e neoliberalismo no Sul global*. São Paulo: Boitempo, 2017.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTUDOS E ESTATÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS (DIEESE). *Balanco das greves de 2018*. In: Estudos e pesquisas. Nº 89, abril de 2019. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/balancodasgreves/2018/estPesq89balancoGreves2018.html>. Acesso em 02/03/2023.

PESTANA, Marco Marques. *“Junho pra toda obra: evolução da conjuntura e leituras petistas de junho de 2013”*. In: FREITAS, Caroline; BARROS, Douglas; DEMIER, Felipe (orgs.). *Junho e os dez anos que abalaram o Brasil (2013-2023)*. São Paulo: Usina, 2023.

SECCO, Lincoln. *História do PT*. 2ª edição revista. Cotia: Atêlie Editorial, 2011.

SINGER, André; LOUREIRO, Isabel (orgs.). *As contradições do lulismo: a que ponto chegamos?* São Paulo: Boitempo, 2016.

SOUZA, Jessé. *A radiografia do golpe: entenda como e por que você foi enganado*. Rio de Janeiro: LeYa, 2016.

Fontes

ARTICULAÇÃO DE ESQUERDA. *Quem somos*. Disponível em: <https://pagina13.org.br/quem-somos/>. Acesso em 18/05/2023.

_____. *A esperança é vermelha. Brasil Urgente, Lula presidente!!!* Disponível em: <https://www.pt.org.br/wp-content/uploads/2017/04/a-esperanca-e-vermelha-brasil-urgente-lula-presidente-doc.pdf>. Acesso em 18/05/2023.

CNB/PMB. *Em defesa do Brasil, em defesa do PT, em defesa de Lula*. p.14. Disponível em: https://www.pt.org.br/wp-content/uploads/2017/04/tese-cnb_31_03_17_final.pdf. Acesso em 18/05/2023.

DEMOCRACIA SOCIALISTA. *Quem somos*. Disponível em: <https://democraciasocialista.org.br/quem-somos/>. Acesso em 18/05/2023.

_____. *Elementos para um balanço do 7º Congresso do PT*. Disponível em: <https://democraciasocialista.org.br/elementos-para-um-balanco-do-7o-congresso-do-pt-gtn/>. Acesso em 18/05/2023.

DIÁLOGO E AÇÃO PETISTA. *Unidade pela reconstrução do PT*. p.3. Disponível em: <https://www.pt.org.br/wp-content/uploads/2017/04/unidade-pela-reconstrucao-do-pt-doc.pdf>. Acesso em 18/05/2023.

MENSAGEM AO PARTIDO. *Por um partido socialista e democrático! Por um governo democrático-popular!* p.10. Disponível em: https://www.pt.org.br/wp-content/uploads/2017/04/tese-mensagem-ao-partido_com-assinaturas-ultima-versao-docx-3.pdf. Acesso em 18/05/2023.

PARTIDO DOS TRABALHADORES. *5º Congresso Nacional: Caderno de Teses*. Salvador: PT, 2015.

_____. *Carta de Salvador e Resoluções do 5º Congresso*. Salvador: PT, 2015.

_____. *Contribuições para o 6º Congresso Nacional*. Brasília: PT, 2017.

_____. *6º Congresso Nacional: Caderno de resoluções*. Brasília/São Paulo: PT, 2017.

_____. *7º Congresso Nacional – Lula Livre: Caderno de teses*. São Paulo: PT, 2019.

O TRABALHO. *Quem somos*. Disponível em: <https://otrabalho.org.br/quem-somos/>. Acesso em 18/05/2023.